

A AMAMENTAÇÃO E O DESMAME NO PROCESSO DE TORNAR-SE PAI

Evandro de Quadros Cherer
Andrea Gabriela Ferrari
Cesar Augusto Piccinini

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v21i1p12-29>.

RESUMO

Este estudo investigou os aspectos subjetivos paternos frente à amamentação e o desmame. Para tanto, um pai primíparo foi entrevistado no 6º e 20º mês de vida da filha. Os relatos do pai revelaram que ele rivalizava com sua filha pelo desejo de sua esposa. Simultaneamente, havia uma rivalidade entre o pai e sua esposa pelo bebê, aspectos esses associados à história paterna. Os relatos sugerem que, no processo de tornar-se pai, a amamentação e o desmame também ganham destaque, pois a amamentação pode estar associada à relação corporal mãe-bebê e às dificuldades experienciadas pelo homem enquanto terceiro.

Descritores: amamentação; paternidade; psicanálise.

Uma das tarefas do homem no processo de transição para a paternidade é a de abdicar de seu desejo de ser idêntico à sua mãe, bem como a de possuir com os filhos o mesmo tipo de relação que essa possuía. Todavia, alguns homens não conseguem parar de invejar as potencialidades criativas femininas, não admitindo serem excluídos desse processo (Brazelton & Cramer, 1992). Com isso, durante o processo de tornar-se pai, os homens passam por um remanejamento psíquico pelo qual são reativados elementos femininos de sua bissexualidade, assim como identificações maternas (Lamour & Letronnier, 2003).

■ Doutorando em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UnB),
Brasília, DF, Brasil.

■ ■ Psicanalista. Docente do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia e do
Programa de Pós-Graduação Psicanálise: Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

■ ■ ■ Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de
Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS),
Porto Alegre, RS, Brasil.

A respeito disso, conforme Parseval (1986), pode-se supor que ainda que o pai não leve o bebê no ventre, ele pode levá-lo subjetivamente dentro de si. De qualquer modo, o pai ocupa uma posição distinta da materna na gravidez, assim como se relaciona diferentemente com o bebê durante a gestação (Piccinini, Levandowski, Gomes, Lindenmeyer, & Lopes, 2009). Entretanto, com o desenvolvimento da criança e, por consequência, menor dependência em relação à mãe, a maternidade e a paternidade tendem a ser mais igualitárias, aumentando a participação paterna na criação dos filhos (Shirani & Henwood, 2011). Com isso, os aspectos subjetivos associados à paternidade podem variar com o crescimento da criança (Eggebeen & Knoester, 2001), podendo ser influenciados pelo desenvolvimento das capacidades e necessidades dela (Palkovitz & Palm, 2009).

Nesse cenário, pode-se compreender que a mãe desempenha um papel essencial no processo de transição do homem para a paternidade (Lamour & Letronnier, 2003), sendo o relacionamento conjugal um aspecto relevante para a relação do pai com seu filho (Zornig, 2010). A respeito disso, compreende-se que a vida de uma mulher é modificada de diversas formas quando ela tem um bebê (Winnicott, 1964/1982), especialmente devido ao estado de sensibilidade exacerbada que vivencia inicialmente (Winnicott, 1956/2000). Conforme Bydlowski (2002), com a gravidez a mulher passa a vivenciar um retraimento em relação ao mundo exterior, perdendo intensidade inclusive as relações afetivas, mesmo as passionais. Para essa autora, após o nascimento da criança, gradualmente a mulher passa a reinvestir mais em sua vida conjugal e social. Porém a manutenção do retraimento pode repercutir na relação entre a mulher e seu marido. Com isso, conforme De Neuter (2001), a chegada de um bebê pode transformar a relação de um casal, especialmente no que diz respeito à vida sexual, podendo também ocasionar a sensação de frustração no homem em relação à sua esposa.

Da parte do homem também pode haver um distanciamento concernente à sua esposa quando essa, mudando de estatuto, torna-se mãe. Com essa mudança, a associação entre a mulher e a relação incestuosa inconsciente pode tornar-se mais intensa, provocando uma cisão entre a mãe e a prostituta (Freud, 1912/1990). Desse modo, a chegada de um filho exige que cada cônjuge reorganize suas identidades sexuais, considerando-se que a intimidade do casal será afetada pelos novos papéis de mãe e pai, inclusive no que diz respeito à vida sexual (Lighezzolo, Boubou, Souillot, & Tychev, 2005).

Acerca disso, na medida em que a paternidade pode inclusive estar associada a perdas, o pai pode acabar não se envolvendo com o filho, ou procurar distanciar-se do que diz respeito a ele. Bydlowski (2000) afirmou que apenas o homem ou o bebê podem ocupar subjetivamente o lugar do objeto de desejo para a mãe. Além disso, a paternidade pode relacionar-se ao sofrimento e denegação na medida em que se associa a conteúdos recalçados. Entre estes estão aspectos femininos e homossexuais do homem que procuram ser recusados, mas, no entanto, são reativados ao fecundar sua esposa.

Nesse contexto, a mãe pode encontrar-se numa intensa relação incestuosa com o bebê, na qual o seio, mais do que ser apenas fonte de alimento, é inclusive indicador dessa relação corpo a corpo da qual o pai está privado (Queiroz, 2005). Assim, a amamentação pode ocupar intensamente a mãe, podendo levá-la a desinvestir de seus demais interesses (Middlemore, 1974). Acerca disso, em psicanálise, entende-se que a amamentação, para além de sua função nutrícia, consiste no período em que mãe e filho permanecem entregues a uma relação incestuosa (Queiroz, 2005), momento no qual está em operação todo o processo de satisfação da relação mãe-bebê (Sales, 2005). Com isso, o pai pode sentir-se ciumento e excluído da íntima relação mãe-bebê, sendo que também pode ser tomado por sentimentos de inveja em relação às capacidades femininas de criar um bebê (Brazelton & Cramer, 1992; Raphael-Leff, 1997).

A respeito disso, segundo Freud (1940/1990), o seio materno é o primeiro objeto de uma criança, ainda que em um primeiro momento o bebê não diferencie seu corpo do seio. De fato, inicialmente, o bebê não faz distinção entre seu eu e o mundo exterior, sendo essa separação realizada gradualmente a partir dos estímulos que lhe sobrevém (Freud, 1930/2012). Entretanto, essa relação com o corpo materno é afetada na medida em que o pai passa a ser significado pela criança como obstáculo à mãe. Com isso, a relação do pai com o filho adquire um caráter hostil (Freud, 1921/1990). Nesse contexto, a mãe ameaçaria o filho com a castração, conferindo ao pai a execução da ameaça, tornando essa mais crível e assustadora (Freud, 1940/1990). Desse modo, mediado pela mãe, o pai passa a ser um juiz cujo nome é invocado para ameaçar o filho (Aberastury & Salas, 1984).

Por sua vez, Lacan (1999) compreendeu que para a mãe o filho não se restringiria a uma criança. Se a mulher obtém satisfação em seu filho é porque esse efetivamente, em alguma medida, corresponde ao

falo, objeto de seu desejo. A questão para a criança transitaria entre ser ou não ser o objeto de desejo da mãe. Nesse cenário, o pai seria aquele que intervém ao privar a mãe do objeto de seu desejo. Assim, Lacan (1999) concebeu que a função paterna ocorreria ao nomear o desejo materno, castrando a mãe de tomar a criança como o falo e, com isso, possibilitaria ao filho sair do puro e simples atrelamento da onipotência materna. O pai seria aquele que possui a mãe na medida em que teria o objeto de desejo materno, isso é, o falo.

Além disso, no que diz respeito à dialética existente na relação mãe-criança, Lacan (1995) propôs que inicialmente a mãe é instituída pela função do apelo, situando-se numa relação de presença-ausência com o bebê. No entanto, quando a mãe passa a responder conforme seus próprios critérios, podendo recusar tudo aquilo que o *infans* necessita, ela torna-se real para esse, sendo experienciada em sua potência. Com essa alteração, os objetos de satisfação advindos da mãe passam a simbolizar essa potência, sendo intitulados por Lacan (1995) como objetos de *dom*. Esses objetos podem ser concedidos ou recusados diante do apelo da criança. Nesse sentido, o objeto além de satisfazer a necessidade da criança possui um mais-além, ou seja, adquire o estatuto de signo do amor materno. É nesse cenário que o seio, assim como o leite, simbolizaria algo além da função nutrícia na dialética mãe-bebê, tornando-se, pois, objetos de *dom*.

Nesse contexto, a amamentação, mais do que se restringir a alimentação do bebê, pode ser compreendida como indicador de um modo de relação corporal no qual a mãe toma o bebê como seu objeto de desejo, isso é, o falo. Com isso, o desmame não estaria circunscrito ao fim da alimentação infantil por meio do leite materno, mas abrangeria a intermediação da relação mãe e filho pela linguagem, por meio da qual a mãe deixaria de tomar a criança imaginariamente como o seu falo (Lighezzolo et al., 2005). Revelando, dessa forma, que o desmame não se restringe à criança, mas precisa ser efetuado inclusive na mãe (Levin, 2005). É nesse contexto que se pode entender que o desmame primitivo é efetuado a partir da função paterna (Lacan, 1999), operação simbólica que não está circunscrita ao pai da realidade, mas que pode se fazer operante por esse (Dor, 2011). Desse modo, a partir do entendimento de que a amamentação, bem como o desmame, possuem significados que transcendem ao biológico (Sampaio et al., 2010), este estudo visou investigar os aspectos subjetivos paternos frente à amamentação e o desmame.

Paternidade, amamentação e desmame: evidências a partir de um estudo de caso¹

O caso aqui apresentado foi nomeado ficticiamente de Danilo, de 36 anos, com ensino superior completo e casado há seis anos. Ele foi selecionado de um estudo maior (Piccinini et al., 2012), pois oferecia uma oportunidade de aprendizado sobre aspectos subjetivos da paternidade (Stake, 1994). Quando sua filha tinha seis meses de vida, Danilo respondeu à “Entrevista sobre a gestação, parto e a paternidade”². Por sua vez, quando sua filha tinha um ano e oito meses, Danilo respondeu à “Entrevista sobre a paternidade”³. A análise do relato paterno foi realizada a partir da teoria psicanalítica, sendo ilustrada a seguir por meio de vinhetas e discutida à luz da literatura.

Na primeira entrevista, quando a filha tinha seis meses, Danilo relatou que desde o nascimento do bebê ele tinha uma relação com ela mediada pela esposa, o que, aparentemente, era vivenciado de modo ambíguo por ele. Muitos dos cuidados, como colocar o bebê para dormir, trocar fralda e dar banho em sua filha eram realizados também por ele. Todavia, Danilo sentia-se como que faltando algo em sua paternidade, relatando que gostaria de se envolver mais, o que era, em certa medida, impossibilitado pela relação

corpo a corpo mãe-bebê, sobretudo devido à amamentação.

Embora Danilo tivesse dito que deveria ser mais participativo nos cuidados com a filha, ele eximia-se de um maior envolvimento na medida em que sua filha e esposa possuíam uma relação muito próxima, permeada pelo corpo. A amamentação era expressão desse modo de relação com a filha do qual biologicamente Danilo era privado:

Como ela [esposa] tá amamentando no peito também e agora não tá trabalhando, até eu deixo mais pra ela assim, eu sei que tinha que melhorar nessa parte assim, apesar de eu ajudar bastante, mas ela tem mais trabalho que eu.⁴

Com isso, a mãe ocupava uma posição privilegiada em relação à filha, inclusive assumindo maiores responsabilidades em relação a essa: “Ela [esposa] tem que dar mamã no peito, né. Então eu até falo pra ela ‘não adianta eu e tu acordar, os dois né, tu vai ter que dar mamã no peito mesmo, então acorda tu’ (riso)”. Nesse sentido, o delegar à esposa maiores cuidados com a filha esteve associado à amamentação e, por conseguinte, à relação corpo a corpo mãe-bebê, visto que a esposa se oferecia como a única intermediária da relação da criança com o mundo. Assim, esse modo de relação excluía, em alguma medida, Danilo, que indicava ficar ressentido.

Inicialmente, a sogra e a esposa de Danilo eram a favor do desmame devido a dores e machucados no

seio. Contudo, Danilo foi incisivo em querer que sua filha continuasse sendo amamentada ao seio, o que, no entanto, acabou excedendo a dimensão almejada por ele, passando o seio a ser empregado para além de sua função nutrícia: *“Ela [filha] pegou vício de dormir no peito, até brincar com o peito, virou uma brincadeira pra ela, ela se acalma, mesmo ela não querendo mamar, assim. Aí é complicado né, agora pra tirar o peito da guria”*. Nesse contexto, Danilo relatou ter a expectativa de sua filha se desmamar, diminuindo a dependência em relação à mãe, possibilitando, com isso, sua maior inserção e, por conseguinte, participação: *“De repente daqui um ano eu vou estar cuidando muito mais da [filha] do que ela [esposa], depois que a [filha] parar de mamar, por exemplo. Na hora que ela começar a tomar mamadeira eu vou poder participar mais”*. Sendo assim, pode-se entender que ao longo dos primeiros seis meses do bebê, a amamentação expressou o interesse da esposa de Danilo voltado, sobretudo, à filha, fazendo com que Danilo frequentemente se sentisse negligenciado e com isso ansiasse pelo desmame de sua própria filha (Queiroz, 2005), ao mesmo tempo em que queria que a amamentação continuasse.

Ademais, Danilo sentia-se devendo em sua participação, tendo exposto acreditar que sua esposa esperava mais dele, debilidade essa que novamente Danilo associou à amamentação: *“Eu não tô dentro da expectativa da [esposa], como pai assim. Porque ela [filha] ainda tá muito dependente da [esposa], por causa*

do peito”. Assim, Danilo indicou se sentir em falta com sua paternidade devido à relação que sua esposa tinha com sua filha. A respeito disso, pode-se pensar que Danilo invejava as potencialidades de sua esposa enquanto mãe, em especial no que diz respeito à amamentação (Brazelton & Cramer, 1992; Raphael-Leff, 1997). Entretanto, diversas vezes, quando pôde assumir maiores responsabilidades com sua filha, Danilo se eximia ou reclamava, o que talvez possa indicar seu medo em deparar-se com conteúdos femininos de sua própria personalidade (Parseval, 1986), os quais procuravam ser recusados (Bydlowski, 2000). Desse modo, compreende-se que ao tornar-se pai, Danilo em alguma medida sofria em ocupar subjetivamente posicionamentos femininos (Lamour & Letronnier, 2003).

Repetidamente, Danilo retomava sua queixa de solicitar sua esposa para si, o que era impossibilitado por ela estar ocupando-se da filha: “*Tá presente com a [esposa] assim, né, ver um filme com ela, que a gente via. Então, não tem como agora, mas vai passar. Às vezes eu nem durmo com elas ali*”. A partir desse cenário, compreende-se que havia certa rivalidade entre ele e sua filha pelo desejo da esposa (Bydlowski, 2000; Lacan, 1995, 1999), o que apesar de causar desconforto em Danilo, foi acatado por ele, retirando-se em diversos momentos e permitindo a relação incestuosa mãe-bebê: “*Às vezes quando eu durmo no sofá, ela [filha] dorme na cama com a [esposa]. É mais fácil pra [esposa] pra dar mamã*”.

Nesse contexto, compreende-se que a filha de Danilo demandava de sua esposa intensa dedicação, exigindo constantes cuidados, que por sua vez foram relacionados às repercussões na relação do casal no sexto mês após o nascimento da filha: “*Mudou um monte de coisa, né. E em relação a mim e a minha esposa também, mudou bastante... a parte de casal mudou*”. A respeito disso, Danilo afirmou estar incomodado, que ele e sua esposa estavam nervosos e brigando com maior frequência, visto que não disponibilizavam mais de tempo para a relação conjugal: “*Eu tô sentindo que eu tô mais pra vida de pai do que pra vida de marido, assim, tá bem afastado*”. Com isso, Danilo ressentia-se de estar afastado de sua esposa, lamentando não dispor de tempo para estar sozinho com ela, em virtude de sua filha sempre estar entre eles: “*A gente não tem mais tempo pra ficar sozinhos, a [filha] tá sempre junto*”.

Nesse sentido, entende-se que os primeiros seis meses de vida da filha foram expressos por Danilo como sendo de intensa relação mãe-bebê (Bydlowski, 2002; Winnicott, 1956/2000, 1964/1982), fazendo com que ele se sentisse excluído e negligenciado (Krob, Piccinini, & Silva, 2009), tanto da relação com sua esposa, como com sua filha: “*Às vezes eu mesmo saio, parece que eu não consigo dormir se eu tô ali, sabe. Me dá um nervoso assim, não sei, fica uma insônia*”. Como exposto, Danilo relatou se incomodar em ficar na mesma cama que sua esposa e filha, não conseguindo dormir, o que foi relacionado por ele pelo fato de preocupar-se com a filha acordar a qualquer instante. No entanto, esse desconforto podia estar

expressando a conflitiva que se desenvolvia nesse contexto, isso é, que Danilo parecia reviver a experiência infantil de ter sido preterido e negligenciado por sua mãe, como relatou em outro momento da entrevista: “*Minha mãe não me acompanha muito. Faz muito tempo que a gente tá distante. Eu fui criado pelos meus avós*”.

Acerca disso, Danilo relatou ter vivido com sua mãe apenas durante seu primeiro ano de vida, tendo posteriormente permanecido com seus avós maternos até os cinco anos de idade. Após esse período, Danilo retornou a morar com sua mãe por mais dois anos e, em seguida, novamente com seus avós. A respeito de sua mãe, Danilo contou recordar-se pouco, mas essencialmente lembrava-se que ela ia muito a festas e que tinha muitos namorados, sendo que durante o segundo período em que viveu com ela, Danilo presenciava constantes brigas de sua mãe com seu padrasto. Já a respeito de seu pai, Danilo relatou ter pouco conhecimento, em vista de nunca ter convivido com ele.

Nesse cenário, pode-se pensar que o mal-estar de Danilo em ficar na cama junto com sua esposa e filha podia derivar de uma associação inconsciente de *sua* mãe com *uma* mãe. Nessa perspectiva, a esposa de Danilo, enquanto *mãe*, poderia estar relacionada ao interdito do incesto, fazendo com que ele se afastasse dela, o que foi manifesto por meio de desconforto e insônia (Freud, 1912/1990). Esse mal-estar também pode estar associado às experiências infantis de separação, negligência e distanciamento de Danilo em relação à sua mãe. Pode-se supor que Danilo encontrou na relação de sua esposa e filha um modo de reviver os conflitos relacionados à relação com sua própria mãe, como se para Danilo sua esposa enquanto *mãe* também o abandonava, e ele revivia novamente o abandono realizado por sua mãe em sua infância. Assim sendo, o fato de sua filha ser tomada como objeto de desejo de sua esposa lhe era penoso, visto que simbolicamente apenas um dos dois poderia ocupar esse lugar frente ao desejo materno (Bydlowski, 2000).

Entretanto, ainda na primeira entrevista, realizada aos seis meses de sua filha, Danilo relatou já pensar que a licença maternidade de sua esposa terminaria e ela retornaria ao trabalho. Nesse cenário, ele teria que assumir maiores responsabilidades na criação de sua filha. Assim, ele contou ter cogitado que sua esposa poderia demitir-se do emprego a fim de cuidar exclusivamente da filha; porém, devido aos benefícios conquistados por tempo de trabalho essa hipótese foi recusada. Desse modo, a filha, com seis meses, já estava passando

pelo período de adaptação à creche, o qual mesmo sendo gradual, estava sendo muito difícil, visto a dependência que a filha tinha da mãe e a dificuldade em se separar dela, assim como em ser desmamada: “*É difícil, porque ela [filha] não quer largar o peito. Ela não quer mamadeira de jeito nenhum, grita e grita e dá tapa, mas não toma mamadeira de jeito nenhum*”. Além disso, a creche era vista por Danilo de modo ambivalente. Por um lado, Danilo sentia-se receoso de que sua filha passaria a ter cuidados alternativos aos parentais. No entanto, a creche também representava a possibilidade de sua filha ficar mais independente, principalmente em relação à mãe, aspecto que agradava Danilo: “*Eu não queria deixar na creche, mas ao mesmo tempo ela vai ficar mais independente*”.

Na entrevista realizada quando sua filha tinha vinte meses, ao ser perguntado acerca das atividades que fazia em relação à sua filha, Danilo afirmou que se ocupava de quase todas, excetuando-se a amamentação: “*Eu assumo quase todas, é mais só a parte de mamar mesmo que é com a mãe que ainda mama no peito*”. A partir da fala de Danilo, pode-se inclusive supor a postura materna ativa em ainda deixar-se mamar (Levin, 2005), mantendo a amamentação, modo de relação com a filha da qual Danilo era privado e o qual despertava sentimentos ambivalentes nele. Ademais, como na entrevista realizada aos seis meses, o seio, mais do que um objeto pelo qual a filha obtinha alimento, estava associado a um modo de relacionamento mãe-filha, o qual ainda era mantido nesse período: “*Fazer dormir também é mais a mãe dela que ela viciou em dormir no peito também . . . tem que ser com a mãe dela, mamando no peito*”. Novamente Danilo implicou com sua esposa quanto ao emprego do seio para além da pura função alimentar, responsabilizando-a por ter suscitado essa dependência, que, de algum modo, pode-se supor que era inclusive materna.

No entanto, diferentemente de quando a filha tinha seis meses, aos vinte meses, a amamentação já estava sendo alternada com outros alimentos, possibilitando que Danilo pudesse se inserir de algum modo na função alimentícia de sua filha: “*Quando eu tô em casa eu dou comidinha pra ela*”. Entretanto, mais do que apenas alimentar, o aumento da participação expressava a maior inserção na relação mãe-bebê enquanto terceiro, além da crescente apropriação de um lugar em que poderia corresponder melhor às demandas de amor do bebê (Lacan, 1999) e, com isso, sentir-se menos em falta com sua paternidade. Nesse sentido, Danilo relatou participar de diversos cuidados em relação à criança, contando dar banho, trocar fraldas e

trocar sua roupa. Essa maior inserção de Danilo esteve associada ao trabalho da esposa fora de casa, possibilitando que ele se responsabilizasse em assumir sua filha integralmente nesses momentos:

Eu que acordo a [filha], coloco a roupa nela, levo ela pra creche toda quinta! Toda quinta e uma vez por mês que a mãe dela trabalha de manhã no sábado e no domingo também. Eu fico com [filha] de manhã assim, só eu e a [filha].

Nessa etapa do desenvolvimento, Danilo estava conseguindo participar mais ativamente dos cuidados com a filha, relatando gostar de interagir com ela: “*Eu gosto de ficar conversando com ela, interagindo assim, beijando ela*”. Entretanto, no tocante aos cuidados com a filha, apesar de serem descritos como prazerosos, eles também foram relatados como cansativos: “*Me sinto bem assim (risos). Gosto de fazer, apesar de ser cansativo*”. Entre esses cuidados estava a alimentação, da qual ele estava se responsabilizando, na medida em que sua filha deixara de ser alimentada exclusivamente ao seio. Com isso, ele pôde aumentar sua participação, uma vez que sua filha estava adquirindo maior autonomia diante do corpo materno.

Em contrapartida, Danilo ainda sentia-se em dívida com sua paternidade, o que aparentemente baseava-se em sentimentos ambivalentes. Esses eram permeados pelo desejo de assumir uma posição privilegiada em relação à sua filha e ao mesmo

tempo retomar a intimidade com sua mulher, assim como preservar seus demais interesses pessoais. No entanto, compreende-se que naquele momento Danilo já conseguia reconhecer a ambiguidade de seu desejo, assim como as limitações que existiam em seus posicionamentos: “*Às vezes a gente quer participar, mas a gente também quer um pouco de privacidade né?!*”.

Diante da ausência materna, ocasionada pelo trabalho, Danilo pôde ocupar-se mais intensamente da filha, deixando de ter a esposa como intermediária nesses momentos. O trabalho materno proporcionou um para-além na relação mãe-bebê, fazendo com que a mãe se ocupasse de sua atividade profissional e, por conseguinte, possibilitando a maior inserção paterna: “*Ela acorda, ela quer colo e já quer sair pra ver, pra olhar a casa toda pra ter certeza que a mãe dela não tá*”. No entanto, ainda que houvesse a ausência materna física, a mãe se fazia presente na relação de Danilo com sua filha. Embora Danilo tenha conseguido ocupar-se mais de sua filha, ele permanecia insatisfeito com sua participação, queixando-se da dependência da filha para com a mãe: “*Queria participar mais, que ela fosse mais tranquila pra dormir assim comigo né, não fosse tão dependente da teta da mãe dela né, do seio (risos), mas ela é dependente, viciada*”.

Com isso, em outro momento da entrevista, Danilo descreveu sua filha como sendo muito agitada e brava, associando essas características

à percepção da filha quanto à ausência materna: *“Quando ela acorda assim e ela vê que a mãe dela não tá por perto ela fica bem braba”*. Em seguida, Danilo expôs seu desconforto diante de situações nas quais não saberia como acalmar a filha, revelando ficar estressado, o que, por sua vez, fazia com que ele gritasse com ela. Nesse sentido, Danilo indicou que possuía dificuldades para lidar com a filha nos momentos em que ela mais se colocava enquanto sujeito. Assim, Danilo relatou que acalmá-la era a tarefa que mais o incomodava em relação à filha, uma vez que ela geralmente apenas se acalmava com o seio materno: *“Normalmente não tem uma manha pra acalmar ela, a mãe dela é mais com o peito”*.

Além disso, seu desejo em ocupar novamente um lugar notório no desejo da esposa, assim como adentrar na relação quase que exclusiva mãe-bebê, aparentemente também fomentava as discordâncias e, por consequência, críticas à sua esposa enquanto mãe. Desse modo, Danilo apontava o que considerava falhas na maternagem, esperando que sua esposa se desocupasse minimamente da filha e se voltasse para a relação conjugal, bem como liberasse a filha para ele: *“É mãe de primeira viagem. Até faz uns erros assim, mas eu acho que ela tenta fazer o melhor. Eu acho que ela podia me escutar um pouco mais”*. Embora ele também fosse um pai de primeira viagem, desejava ser escutado, o que aparentemente se tornava difícil devido à imersão materna nos cuidados com o bebê.

Sua esposa, apesar de ter sido descrita como sustentando a relação de dependência da filha, também se queixava da amamentação em alguns momentos. Amamentar implicava em sacrifícios por parte dela, contexto em que Danilo sentia-se incapacitado em auxiliar: *“Reclama muito que ela [esposa] não dorme de noite porque a [filha] acorda e tem que dar teta né, mamã, mamã. Mas na parte da noite assim eu ajudo pouco, eu... porque já não tem muito o que fazer”*. De fato, em relação à dinâmica relacionada à amamentação, Danilo não tinha muito o que fazer, sentindo-se limitado, uma vez que não se sentia capaz de substituir sua esposa em relação à sua filha: *“Eu tenho dificuldade pra fazer ela dormir mesmo e... deixar ela sem a mãe dela também”*.

A amamentação, como discorrido anteriormente, era expressão do modo de relação e dependência estabelecido entre a mãe e a filha, privando inclusive Danilo de sua esposa. Raramente Danilo e sua esposa disponibilizavam de tempo sozinhos, dependendo do auxílio da sogra para cuidar do bebê brevemente: *“Quando sai só eu e a [esposa] é tudo meio correndo assim porque minha sogra também dorme cedo, sair na*

noite eu não saio mais”. Desse modo, referindo-se à sua experiência da paternidade aos vinte meses de sua filha, Danilo relatou: “*Tá sendo gratificante, tá sendo bom! De entre pai e filha tá sendo bom, mas entre assim, eu e minha esposa assim né, já a relação piorou um pouco*”. Com isso, no tocante à sua filha, apesar dos sentimentos ambivalentes, Danilo encontrava satisfação, porém, no que diz respeito à relação com sua esposa, Danilo expressou haver insatisfação: “*Piorou a intimidade minha e dela . . . a gente briga mais . . . a gente continua se gostando assim, só não tem muito tempo assim pra conversar em função da [filha]*”. Posteriormente, indo ao encontro dessas formulações, Danilo acrescentou: “*Diminuiu o tempo pra eu e a [esposa] se curtir mais né, como casal assim, como namorados.*”

Nesse contexto, entende-se que sua esposa, como mãe, ocupava-se da filha, tomando-a como objeto de seu desejo. Por sua vez, Danilo intervinha de modo a solicitar que sua esposa demarcasse existir algo para-além do próprio bebê, isso é, que sua esposa também o desejasse como marido. As diversas intervenções e reivindicações de Danilo aparentavam ser tentativas para ocasionar uma separação na relação mãe-bebê e, com isso, ocupar novamente um lugar importante no desejo de sua esposa (Lacan, 1995, 1999). Entretanto, nessa rivalidade com sua filha pelo desejo de sua esposa, Danilo estava inicialmente sendo preterido. Além disso, como dito anteriormente, essa experiência parecia remetê-lo à sua própria mãe. Com isso, na entrevista dos vinte meses, Danilo também se lembrou do período em que morou com sua mãe e com o homem com quem ela havia se casado, sendo que eles tiveram outro filho. Ele retomou as recordações das brigas que sua mãe tinha com esse homem, incluindo momentos em que ele batia nela. Por fim, Danilo afirmou ter ido morar com seus avós, ficando sua mãe associada a experiências de abandono e negligência, visto ser preterido por ela em relação às festas e romances com outros homens.

Além do mais, como indicado por Danilo, pode-se pensar na dificuldade de sua filha, assim como de sua esposa, em realizar o desmame. Sua filha, principalmente aos seis meses, permanecia bastante vinculada à relação corporal com a mãe, sendo difícil tolerar a ausência materna, o que acontecia ainda aos vinte meses de vida. Da parte de sua esposa, o desmame implicaria em renunciar o desejo fusional ao nível imaginário, substituindo a relação corpo a corpo por um modo de relacionar-se baseado em um prazer a distância, o qual seria intermediado pela linguagem (Lighezzolo et al., 2005). Com isso, Danilo indicava ressentir-se por sua filha ser tomada

como correspondendo ao desejo de sua esposa, assim como da posição privilegiada dessa em relação ao bebê. Nesse contexto, Danilo frequentemente resignava-se, expressando sua exclusão do romance incestuoso entre mãe e filha (Feliciano & Souza, 2011).

Quanto a esses aspectos, compreende-se que é por meio da ação do pai simbólico, o qual nomeia o desejo da mãe para além da criança, que ocorre o desmame primitivo, permitindo ao *infans* sair do puro e simples atrelamento com a onipotência materna (Lacan, 1995). Essa possibilidade permite a mãe reorganizar seu desejo (Levin, 2005), renunciando a extrema relação de poder e dependência do bebê com ela (Sales, 2005). Desse modo, também se pode compreender que além de desejar ocupar-se mais de sua filha, Danilo também reivindicava sua mulher, querendo privá-la de tomar excessivamente a filha como objeto de desejo (Lacan, 1999). Com efeito, segundo Lighezzolo et al. (2005), a função paterna de separação apenas é operante por meio do pai na medida em que esse é objeto de desejo da mãe, mantendo, assim, seu valor atrativo.

Considerações finais

O caso de Danilo ilustra algumas questões colocadas pela psicanálise concernente aos aspectos subjetivos da amamentação e desmame, além de

trazer conteúdos referentes ao lugar do pai nas relações iniciais. Desse modo, nas entrevistas, Danilo relatou, sobretudo, o conflito vivenciado por ele enquanto terceiro na relação mãe-bebê. De fato, com a paternidade, Danilo passou a ser o terceiro para sua mulher, sendo que ela estava, especialmente na primeira entrevista, muito dedicada ao bebê. Com isso, Danilo rivalizava com sua filha pelo desejo de sua esposa, tendo expressado enfaticamente a insatisfação com sua relação conjugal.

Quanto à sua filha, Danilo expressava querer envolver-se mais com ela e, em alguma medida, invejava a relação mãe-bebê, principalmente no que diz respeito à relação corpo a corpo experienciada com a amamentação. Assim, Danilo ansiava pelo desmame, na medida em que isso representava a possibilidade de sua maior inserção no desejo da esposa, assim como em sua relação com a filha. Diante disso, pode-se pensar que a rivalidade com sua esposa pela relação com a filha baseava-se essencialmente no desejo de destituir a mãe de sua maternidade, convocando-a novamente a ocupar o lugar de esposa.

Nesse contexto, a relação conjugal com sua esposa passava por problemas desde o nascimento da filha, o que havia afetado especialmente a relação íntima do casal e que evidenciava sua dificuldade em conservar um lugar no desejo de sua esposa e, por conseguinte, operar a função paterna. Apesar disso, a entrada da criança na creche, o trabalho materno, a gradual separação da relação corpo a corpo mãe-bebê e, por consequência, a maior inserção de Danilo, inclusive no que diz respeito à alimentação de sua filha, podem ser entendidas como manifestações da função paterna. Com isso, pode-se compreender que em certa medida Danilo também foi representante dessa função, possibilitando o corte simbólico do laço primordial do bebê com a mãe.

Além disso, no relato de Danilo, sua mãe esteve associada a festas, namorados, brigas e separações. Desse modo, ao se deparar novamente diante de um desejo materno, Danilo pode ter se remetido às suas questões edípicas e à sua própria mãe (Freud, 1912/1990). Por não ter vivido suficientemente uma relação de amor com sua mãe, é plausível supor que Danilo revivia com sua esposa essa experiência de abandono, tendo insônia e sentindo-se mal em ser novamente apenas o expectador do romance alheio, do qual ele era excluído. É nesse contexto que o seio, bem como o leite, em seu valor de objeto de *dom*, isso é, signo do amor materno (Lacan, 1995), toma especial importância. Com isso, o intenso apoio à amamentação de sua filha também pode ser visto a partir de sua tentativa em vincular a filha à esposa, impedindo que sua companheira fizesse como sua mãe. Todavia, a amamentação passou a representar a reatualização de um abandono experienciado quando Danilo era criança. Diante disso, percebe-se a dificuldade de Danilo em exercer a função paterna e privar a filha, assim como a esposa, dessa relação incestuosa. Essa dificuldade foi presente desde o

início, quando ele procurava desautorizar as decisões de sua esposa como mãe, entre essas o próprio desmame.

Os relatos e vivências apresentadas neste artigo ilustram as eventuais dificuldades com as quais o homem pode deparar em seu processo de tornar-se pai, tendo em vista que esse momento pode convocá-lo a uma reconstituição psíquica a partir de sua própria história (Chevalerias, 2005). Assim como evidenciado no caso de Danilo, é plausível se pensar que, em alguma medida, outros pais também possam vivenciar experiências de exclusão e/ou inveja da relação corpo a corpo mãe-bebê, particularmente durante a amamentação, e encontrem dificuldades na paternidade. Com isso, sugere-se que novos estudos sejam realizados contemplando a perspectiva paterna com relação aos aspectos subjetivos da amamentação e desmame e que os pais sejam mais acompanhados nesses momentos de transição, contribuindo para a relação pai-mãe-bebê e, especialmente, para o desenvolvimento do próprio bebê.

BREASTFEEDING AND WEANING IN THE PROCESS OF BECOMING A FATHER

ABSTRACT

Through a case study of a primiparous father, who was interviewed in the 6th and 20th month of his daughter's life, this study investigated the fatherly subjective aspects regarding breastfeeding and weaning. His reports revealed that the father and his daughter vied for maternal desire, at the same time as the father and his wife vied for the child, which was associated with the father's history. The reports suggest that in the process of becoming a father breastfeeding and weaning are also important, because breastfeeding can be associated to the mother-infant body relationship and the difficulties experienced by the man as a third party.

Index terms: *breastfeeding; fatherhood; psychoanalysis.*

LA LACTANCIA MATERNA Y EL DESTETE EN EL PROCESO DE CONVERTIRSE EN UN PADRE

RESUMEN

En este artículo se analizó la perspectiva paterna en relación a los aspectos subjetivos de la lactancia y del destete, a partir de una entrevista con un padre primíparo, en el 6^º y 20^º mes de vida de su hija. Desde los informes se observó que el padre rivalizaba con su hija por el deseo de su esposa. Al mismo tiempo, existía una rivalidad entre el padre y su esposa por el bebé, aspecto que fue asociado con la historia paterna. Así, se entiende que, en el proceso de convertirse en padre, la lactancia y el destete también se destacan en función de que la lactancia puede asociarse con la relación corporal madre-bebé y con las dificultades experimentadas por el hombre como tercero.

Palabras clave: *lactancia materna; paternidad; psicoanálisis.*

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A., & Salas, E. (1984). *A paternidade: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Brazelton, T., & Cramer, B. (1992). *As primeiras relações*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Bydlowski, B. (2002). O olhar interior da mulher grávida: transparência psíquica e representação do objeto interno. In L. Corrêa Filho, M. C. Girarde, & P. França (Orgs.), *Novos olhares sobre a gestação e a criança até os 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê* (pp. 205-214). Brasília, DF: L.G.E.
- Bydlowski, M. (2000). *La dette de vie: itinéraire psychanalytique de la maternité*. Paris, France: PUF.
- Chevalerias, M. P. (2005). O homem, o filho, o amante: as diferentes figuras do pai em torno do nascimento. In M. D. Moura (Org.), *Psicanálise e hospital: novas versões do pai: reprodução assistida e UTI-4* (pp. 21-32). Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- De Neuter, P. (2001). Malaises et mal-être dans la paternité. *Cliniques méditerranéennes*, 1(63), 49-69. doi: 10.3917/cm.063.0049
- Dor, J. (2011). *O pai e sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Eggebeen, D. J., & Knoester, C. (2001). Does fatherhood matter for men? *Journal of Marriage and Family*, 63(2), 381-393. doi: 10.1111/j.1741-3737.2001.00381.x
- Feliciano, D. S., & Souza, A. S. L. (2011). Para além do seio: uma proposta de intervenção psicanalítica pais-bebê a partir de dificuldades na amamentação. *Journal de Psicanálise*, 44(81), 145-161.
- Freud, S. (1990). Esquema del psicoanálisis. In J. Strachey (Org.), *Obras completas* (J. Etcheverry, trad., vol. 19, pp. 41-61). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1940)
- Freud, S. (1990). Psicología de las masas y análisis del yo. In J. Strachey (Org.), *Obras completas* (J. Etcheverry, trad., vol. 18, pp. 63-135). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (1990). Sobre la más generalizada degradación de la vida amorosa – contribuciones de la psicología del amor. In J. Strachey (Org.), *Obras completas* (J. Etcheverry, trad., vol. 11, pp. 169-173). Buenos Aires, Argentina: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2012). *O mal-estar na cultura*. (R. Zwick, trad.). Porto Alegre, RS: L&PM. (Trabalho original publicado em 1930)
- Krob, A., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291. doi: 10.1590/S0103-65642009000200008
- Lacan, J. (1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto, 1956-1957*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente, 1957-1958*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Lamour, M., & Letronnier, P. (2003). Prevention of fatherhood disorders: accompanying early father-child interaction in day-care centers. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 191-210. doi: 10.1007/BF03173484

- Levin, E. (2005). Cenas e cenários no ato de amamentar. In L. Sales (Org.), *Pra que essa boca tão grande? Questões acerca da oralidade* (pp. 87-114). Salvador, BA: Ágalma.
- Lighezzolo, J., Boubou, F., Souillot, C., & Tychev, C. (2005). Allaitement prolongé et ratés du sevrage: réflexions psychodynamiques. *Cliniques Méditerranéennes*, 72(2), 265-280. doi: 10.3917/cm.072.0265
- Middlemore, M. P. (1974). *Mãe e filho na amamentação: uma analista observa a dupla amamentar*. São Paulo, SP: Ibrex.
- Núcleo de Infância e Família da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011a). *Entrevista sobre a gestação, o parto e a paternidade*. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Núcleo de Infância e Família da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011b). *Entrevista sobre a paternidade*. Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Palkovitz, R., & Palm, G. (2009). Transitions within fathering. *Fathering: A Journal Of Theory, Research, & Practice About Men As Fathers*, 7(1), 3-22. doi: 10.3149/fth.0701.3
- Parseval, G. D. (1986). *A parte do pai*. (T. C. Stummer, trad.). Porto Alegre, RS: L&PM.
- Piccinini, C. A., Becker, S. M. S., Martins, G. D. F., Lopes, R. C. S., & Sperb, T. M. (2012). *Impacto da creche no desenvolvimento socioemocional e cognitivo infantil: estudo longitudinal do sexto mês de vida do bebê ao final dos anos pré-escolares – CRESCI*. Projeto de pesquisa não publicado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Piccinini, C. A., Levandowski, D. C., Gomes, A. G., Lindenmeyer, D., & Lopes, R. S. (2009). Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. *Estudos de Psicologia*, 26(3), 373-382. doi: 10.1590/S0103-166X2009000300010
- Queiroz, T. C. N. (2005). *Do desmame ao sujeito*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Raphael-Leff, J. (1997). *Gravidez: a história interior*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Sales, L. M. (2005). Preocupações acerca dos efeitos psíquicos do aleitamento materno exclusivo sobre a função materna e sobre o bebê. In L. Sales (Org.), *Pra que essa boca tão grande? Questões acerca da oralidade* (pp. 115-132). Salvador, BA: Ágalma.
- Sampaio, M. A., Falbo, A. R., Camarotti, M. C., Vasconcelos, M. G. L., Echeverria, A., Lima, G., Prado, J. V. Z. (2010). Psicodinâmica interativa mãe-criança e desmame. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 26(4), 613-621. doi: 10.1590/S0102-37722010000400005
- Shirani, F., & Henwood, K. (2011). Continuity and change in a qualitative longitudinal study of fatherhood: relevance without responsibility. *International Journal of Social Research Methodology*, 14(1), 17-29. doi: 10.1080/13645571003690876
- Stake, R. E. (1994). Case studies. In N. Denzin, & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 236-247). London, England: Sage.
- Winnicott, D. W. (1982). Conheça o seu filhinho. In D. W. Winnicott, *A criança e o seu mundo* (pp. 19-25). Rio de Janeiro, RJ: LTC. (Trabalho original publicado em 1964)
- Winnicott, D. W. (2000). A preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 309-405). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1956)
- Zornig, S. M. A. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(2), 453-470.

NOTAS

1. O caso retratado neste artigo foi descrito em detalhes na dissertação de mestrado de Evandro de Quadros Cherer, intitulada *Tornar-se pai: a experiência subjetiva da*

paternidade no sexto mês e ao final do segundo ano de vida do bebê, defendida no PPG-Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2014. Os dados de identificação do caso foram modificados. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da UFRGS (Protoc. nº 2010070) e pelo Comitê de Ética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (Protoc. nº 100553).

2. “Entrevista sobre a gestação, o parto e a paternidade”. Instrumento não publicado, elaborado em 2011 pelo Núcleo de Infância e Família (Nudif) do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
3. “Entrevista sobre a paternidade”. Instrumento não publicado, elaborado em 2011 pelo Núcleo de Infância e Família (Nudif) do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
4. Todas as citações em itálico são fruto de entrevista (comunicação pessoal).

quadroscherer@gmail.com
Departamento de Psicologia Clínica e Cultura – Ala Sul
70910-900 – Brasília – DF – Brasil.

ferrari.ag@hotmail.com
Rua Ramiro Barcelos, 2600/139
90035-003 – Porto Alegre – RS – Brasil.

piccinini@portoweb.com.br
Rua Ramiro Barcelos, 2600, sala 111
90035-003 – Porto Alegre – RS – Brasil.

*Recebido em junho/2015.
Aceito em novembro/2015.*